

## **Amazônia em pauta. A ocupação e preservação da região amazônica sob a perspectiva da revista Realidade.<sup>1</sup>**

Fabrizio Fonseca Ângelo<sup>2</sup>

### **Resumo**

A pesquisa analisou a quantidade de matérias sobre a Amazônia brasileira produzida pela Revista Realidade, durante os seus primeiros três anos (1966 a 1968) e os primeiros três anos do início da implantação do Plano de Integração Nacional, que incluía a construção da Rodovia Transamazônica e criação de assentamentos na região (1971 a 1973). O objetivo foi avaliar, por meio de análise de conteúdo, qual o importância dada pelo jornalismo produzido pela revista ao bioma Amazônia. Também foi possível analisar os principais temas ambientais abordados pela publicação e compreender quais os planos do governo federal, que se encontrava nas mãos do regime militar, para a região e como a revista abordava esse projeto.

**Palavras-chave:** Amazônia; Jornalismo Ambiental, História, Revista Realidade, *Newjournalism*.

### **Introdução**

A Amazônia é vista hoje como um santuário da biodiversidade mundial, responsável por muitas relações biológicas que influenciam desde o clima até a estocagem de carbono. No Brasil por muitos anos a floresta foi vista como símbolo do lado desconhecido do território nacional.

A região amazônica ocupa em torno de 3,5 milhões de quilômetros quadrados se distribuindo pelos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Pará, Tocantins, Mato Grosso e parte do Maranhão. (DINIZ; PAIXÃO, 2003). É o ecossistema que abriga a maior diversidade biológica do planeta e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003) é também residência de 20,3 milhões de pessoas em 775 municípios.

A Amazônia é vista como um belo presente da natureza, com suas florestas abundantes, grandes rios e culturas milenares de povos indígenas e tradicionais, porém essa imagem tão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e Mestre em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Editor Científico da Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia), email: [fabrangelo@gmail.com](mailto:fabrangelo@gmail.com).

suave e perfeita da região tem sido desmantelada pelo processo de ocupação fortemente marcado pelo desmatamento, pela degradação dos recursos naturais e por conflitos sociais e violência. De acordo com Verissimo (2012), o desmatamento é relativamente recente na história da Amazônia brasileira e foi impulsionada a partir da década de 70 pelo governo federal por meio de incentivos para a ocupação e integração da região ao resto do país. De fato até 1975, após mais de quatro séculos de ocupação, menos de 1% do território da Amazônia havia sido desmatado.

Em 1966, o presidente Castelo Branco sancionou a lei 5.173, que criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). A lei dava a pessoas jurídicas: isenção de impostos de renda, taxas federais, atividades industriais, agrícolas, pecuárias e de serviços básicos, dava isenção de impostos e taxas para importação de máquinas e equipamentos, bem como para bens doados por entidades estrangeiras. Era o início de um processo mais interiorizado de ocupação da região, rica em minérios e recursos madeireiros.

Um anúncio publicitário da autarquia, publicado na Revista Realidade, número 25, de abril de 1968, ressalta as vantagens de se investir na região, “se você quer mesmo ganhar dinheiro esse ano, a primeira providencia é pagar menos impôsto de renda. Para começar, você só paga ao governo metade do imposto de renda de sua empresa. Os outros 50% você transforma em investimento na Amazônia ou no Nordeste”.

### **Década de 70 – Políticas de estado para a ocupação da Amazônia**

No ano de 1970, após uma visita a região Nordeste, o então presidente Emilio Garrastazu Médici e sua comitiva começaram a imaginar a construção de uma rodovia que ligaria o Nordeste brasileiro a região Amazônica. Em 16 de junho do mesmo ano cria-se a lei 11.106 que institui o Programa de Integração Nacional,

Art. 1º É criado o Programa de Integração Nacional, com dotação de recursos no valor de Cr\$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de cruzeiros), a serem constituídos nos exercícios financeiros de 1971 a 1974, inclusive, com a finalidade específica de financiar o plano de obras de infraestrutura, nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDENE e da SUDAM e promover sua mais rápida integração à economia nacional.

Parágrafo único. Os recursos do Programa de Integração Nacional serão creditados, como receita da União, em conta especial no Banco do Brasil S.A.

Art. 2º A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.

§ 1º Será reservada, para colonização e reforma agrária, faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para, com os recursos do

Programa de Integração Nacional, se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica.

A partir desse decreto o governo brasileiro dá início a ocupação da Amazônia por migrantes vindos de toda a parte do país, principalmente do Sul e do Nordeste, que recebiam de 100 a 300 hectares de terras devolutas, as margens da rodovia, além de apoio financeiro para fincarem seus pés e a esperança nesse local, que poderia ser o Eldorado brasileiro. Foi instituído pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra), o processo de colonização por meio de agrovilas (ainda muito comuns em algumas regiões), agrópolis (conjunto de agrovilas) e Rurópolis (conjunto de agrópolis), hoje chamada de Sede e de onde surgiram muitos municípios amazônicos.

### **Jornalismo e Meio Ambiente**

A prática de pautar matérias de cunho ambiental vem aumentando nos últimos anos, principalmente após a ampla divulgação do quarto relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), da Organização das Nações Unidas (ONU) em fevereiro de 2007, que alertou sobre as contribuições das ações humanas nas mudanças climáticas. Também não podemos deixar de citar os eventos organizados pela ONU, como as Conferências sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, que trouxeram o tema para o patamar global.

O jornalismo com ênfase nas pautas ambientais surge juntamente com o movimento ambientalista no fim da década de 60. A primeira entidade reunindo jornalistas preocupados com a questão ambiental surgiu na França durante a Conferência da Biosfera, em 1968.

No Brasil, no mesmo período, o jornalista Randau Marques destaca-se com duas reportagens investigativas sobre temáticas ambientais, uma sobre a contaminação de trabalhadores de gráficas e sapatarias por chumbo em Franca no estado de São Paulo, e a outra que denunciava os males transmitidos por defensivos agrícolas às pessoas e ao ambiente, e por isso foi preso e acusado de subversão pelo regime militar.

De acordo com Massierer (2011), “o jornalismo ambiental tem como critérios a incorporação da visão sistêmica, a ampliação do número de fontes da área a serem consultadas, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada das notícias de meio ambiente”.

A Amazônia tem sido tema rotineiro nas redações dos veículos de comunicação não só do Brasil, mas de todo o mundo. A divulgação de catástrofes ambientais na região é motivo

de preocupação para cientistas, ambientalistas e governos. A preocupação mundial com as perdas dos bosques tropicais vem aumentando desde a década de 80. Inicialmente, o foco era conter a perda de biodiversidade e as ameaças sobre os povos indígenas que habitam essas florestas. Com a intensificação do debate sobre o aquecimento global e o papel essencial que as florestas tropicais tem na regulação do clima e no estoque de carbono, a conservação dessas áreas tornou-se ainda mais estratégica para o planeta (VERISSIMO, 2012).

### **Revista Realidade: fenômeno editorial**

A revista Realidade foi criada em abril de 1966 pela editora Abril. Elogiada por ter uma diagramação avançada para a época, com equilíbrio entre texto e fotografia e sua por sua maneira de escrever.

De 66 a 76, a revista teve 120 edições, com tiragens que chegavam a 500 mil exemplares. Abordou temas polêmicos para a época como divórcio, direitos das mulheres, juventude e sexo. Também ficou famosa por pautar muitas de suas capas de acordo com resultados de pesquisas realizadas pela própria revista, respondida e encaminhada pelos leitores.

Segundo SANDES (2014) cada edição da revista trazia doze matérias sobre diferentes assuntos. Uma fórmula que um dos redatores da revista, Mylton Severiano da Silva, chamou de caleidoscópio. Não foram apenas as escolhas dos temas os atributos positivos alcançados por Realidade. Mas também seu texto inovador.

Se utilizando da linguagem do *Newjournalim* norte-americano, Realidade traz reportagens longas e detalhadas, às vezes com mais de 20 páginas, onde o leitor se sente dentro da história.

Em 1972, o número 67 de Realidade foi uma edição especial sobre a Amazônia, com 348 páginas e uma tiragem de 300 mil exemplares, muito elogiada na época e até hoje um documento indispensável para quem pesquisa sobre a história da região. De acordo com Civita (1972),

...o sucesso de Realidade superou as melhores expectativas. Em menos de uma semana, praticamente toda a edição desapareceu das bancas, e a corrida para conseguir um exemplar prosseguiu durante meses com episódios de drama e humor. Uma banca jornais foi assaltada e levaram dezessete exemplares de Amazônia.

A revista fechou, em 1976, vendendo 120 mil exemplares por mês (número com o qual muitas revistas sonham hoje em dia) e virou um mito, especialmente entre jornalistas, por

causa de suas grandes reportagens, primorosamente apuradas e editadas. Trata-se de uma publicação que representa uma época e entendendo sua trajetória, vida e morte, é possível compreender também muito do que é peculiar ao universo do jornalismo em revista (SCALZO, 2013).

Foram esses motivos que fundamentaram o objetivo dessa pesquisa, verificar por meio de análise de conteúdo como a Revista Realidade, referência jornalística durante o principal período de ocupação migrante e imigrante na Amazônia, abordava a região, quais as pautas mais habituais e como a política de integração foi relatada por esse veículo de comunicação.

### **Metodologia**

Foram analisadas as edições da revista Realidade publicadas nos três primeiros anos de sua criação, 1966 a 1968 e nos anos de 1971 a 1973. Esses anos foram escolhidos por fazerem parte de períodos em que o governo federal começa a tomar iniciativas para a ocupação da Amazônia por meio da criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e Plano de Integração Nacional.

A metodologia utilizada foi a Análise do Conteúdo, que de acordo com Lago e Beneti (2010), revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser usada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos.

A pesquisa foi feita com as edições digitalizadas disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (BN). Por meio da ferramenta de pesquisa do website procurou-se em todas as 120 edições, encontrar as matérias com a temática Amazônia por meio da palavra-chave, “Amazônia”.

Após esse levantamento, foram analisadas todas as reportagens que continham a palavra chave nas edições produzidas no período escolhido, sendo 33 edições entre 66 a 68 e 36 edições entre 71 a 73, totalizando 69 edições. Após a análise das matérias foram excluídas as reportagens em que a Amazônia não era o tema principal.

Ultimamente, as matérias sobre assuntos ambientais têm sido constantes nos veículos de comunicação. Os temas abrangidos por esses veículos têm-se diversificado a partir do momento que novas espécies e relações ecológicas têm sido descobertas. Observando essas matérias é possível selecionar três temas que têm grande relevância e são abundantemente citados pela mídia em geral.

Por isso as matérias incluídas na pesquisa foram divididas em três temáticas:

- a) Comunidades tradicionais
- b) Biodiversidade
- c) Relações socioambientais

No tema comunidades tradicionais estão inclusas as reportagens que tem como pauta a população que já vivia na Amazônia antes das grandes migrações. De acordo com Santilli (2005)

Quando falamos em comunidades tradicionais, incluímos neste conceito não apenas as comunidades indígenas, como também outras populações que vivem em estreita relação com o ambiente natural, dependendo de seus recursos naturais para a sua reprodução sociocultural, por meio de atividades de baixo impacto ambiental: são as comunidades extrativistas, de pescadores, remanescentes de quilombos, etc...

O assunto Biodiversidade retrata matérias com viés relacionados a diversidade ecossistêmica extinção e descoberta de novas espécies da fauna e flora, conceitos de preservação, entre outros.

De acordo com o texto da Convenção da Biodiversidade:

“Biodiversidade é a variabilidade entre os organismos vivos de qualquer fonte incluindo, entre outras coisas, os ecossistemas terrestres e marinhos e outros ecossistemas aquáticos e complexos ecológicos dos quais fazem parte, compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas”. (PNUMA, 1992)

Na temática Relações Socioambientais estão as reportagens que abordam a relação entre o ser humano e o ambiente em que vivem. Também estão inseridas nesse tema as matérias que abordam as relações entre o estado e região amazônica, quando influenciam nos impactos a floresta e as comunidades tradicionais.

Segundo Alfredo Pena Veiga, Edgar Morin afirma que “a nova consciência ecológica deve modificar a ideia de natureza, tanto nas ciências biológicas (para as quais a natureza era somente a seleção dos sistemas vivos e não um ecossistema integrador dos ditos sistemas), como para as ciências humanas (para as quais a natureza era amorfa e desordenada). Por outro lado, o que deve igualmente modificar-se é a concepção da relação ecológica entre um ser vivo e seu meio” (PENA-VEGA, 2005).

Dentro das matérias de relações socioambientais destacam-se o consumismo de todos os recursos, renováveis ou não, que trazem a poluição, o lixo, às queimadas, o desmatamento, a falta de critérios na utilização da água, do solo, a ação de grileiros e pecuaristas. Tudo isso causado pela busca do “desenvolvimento” desenfreado, a todo custo.

<b>Temas</b>	<b>Exemplos de Palavras-chave</b>
Comunidades tradicionais	População indígena, ribeirinhos, quilombolas, agricultores extrativistas, pescadores...
Biodiversidade	Vida, ecologia, aspectos éticos, proteção, conservação e preservação...
Relações Socioeconômicas	Finitude de recursos, desmatamento, poluição, consumo responsável, agronegócio, super-exploração, urbanização, demografia, políticas públicas (infraestrutura)

### Resultados Encontrados

A pesquisa com a palavra-chave “Amazônia” apareceu 390 vezes durante pesquisa em todas as 120 edições de Realidade, disponibilizadas pela Hemeroteca Nacional.

Nas edições publicadas nos anos pesquisados a palavra “Amazônia” aparece 310 vezes, de acordo com as tabelas abaixo:

### DÉCADA DE 60 – 1966 A 1968

<b>1966</b>		<b>1967</b>		<b>1968</b>	
Edição 01	4	Edição 10	1	Edição 22	0
Edição 02	1	Edição 11	0	Edição 23	3
Edição 03	0	Edição 12	4	Edição 24	0
Edição 04	0	Edição 13	1	Edição 25	4
Edição 05	0	Edição 14	2	Edição 26	2
Edição 06	1	Edição 15	5	Edição 27	2
Edição 07	0	Edição 16	0	Edição 28	0
Edição 08	0	Edição 17	4	Edição 29	1
Edição 09	1	Edição 18	1	Edição 30	1
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	Edição 19	0	Edição 31	3
		Edição 20	0	Edição 32	0
		Edição 21	2	Edição 33	2
		<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>TOTAL</b>	<b>18</b>

**TOTAL GERAL**

45

### DÉCADA DE 70 – 1971 A 1973

1971		1972		1973	
Edição 58	0	Edição 70	3	Edição 82	4
Edição 59	0	Edição 71	2	Edição 83	2
Edição 60	0	Edição 72	6	Edição 84	0
Edição 61	1	Edição 73	0	Edição 85	0
Edição 62	2	Edição 74	22	Edição 86	3
Edição 63	0	Edição 75	0	Edição 87	1
Edição 64	0	Edição 76	3	Edição 88	5
Edição 65	1	Edição 77	8	Edição 89	0
Edição 66	1	Edição 78	2	Edição 90	1
Edição 67	167	Edição 79	0	Edição 91	1
Edição 68	3	Edição 80	18	Edição 92	2
Edição 69	4	Edição 81	1	Edição 93	2
<b>TOTAL</b>	<b>179</b>	<b>TOTAL</b>	<b>65</b>	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>265</b>			

Ao analisarmos a quantidade de reportagens produzidas tendo a Amazônia como tema, percebemos que entre 66 a 68, foram poucas as reportagens produzidas conforme tabela abaixo:

#### MATÉRIAS COM O TEMA AMAZÔNIA NA DÉCADA DE 60 – 66 A 68

Das 33 edições publicadas entre 66 a 68, cinco tiveram ao menos uma reportagem que abordasse a Amazônia.

1966		1967		1968	
Edição 01	0	Edição 10	0	Edição 22	0
Edição 02	0	Edição 11	0	Edição 23	0
Edição 03	0	Edição 12	0	Edição 24	0
Edição 04	0	Edição 13	0	Edição 25	0
Edição 05	0	Edição 14	1	Edição 26	0
Edição 06	0	Edição 15	1	Edição 27	0
Edição 07	0	Edição 16	0	Edição 28	0
Edição 08	0	Edição 17	1	Edição 29	0
Edição 09	1	Edição 18	0	Edição 30	0
		Edição 19	0	Edição 31	1
		Edição 20	0	Edição 32	0
		Edição 21	0	Edição 33	0
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>TOTAL</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>5</b>			

Durante o início da década de 70, seis edições com 23 reportagens tiveram como assunto principal o bioma amazônico e sua população. Importante ressaltar que a edição número 67, foi uma revista especial sobre a Amazônia e suas transformações o que elevou bastante a quantidade de material pesquisado.

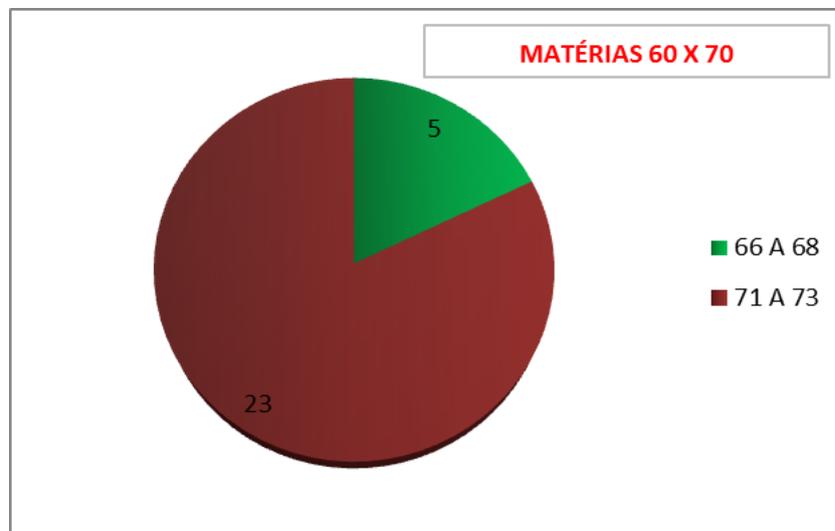
Podemos observar conforme demonstra a tabela abaixo:

### MATÉRIAS COM O TEMA AMAZÔNIA NA DÉCADA DE 70 – 71 A 73

1971		1972		1973	
Edição 58	0	Edição 70	0	Edição 82	1
Edição 59	0	Edição 71	0	Edição 83	0
Edição 60	1	Edição 72	0	Edição 84	0
Edição 61	0	Edição 73	0	Edição 85	1
Edição 62	0	Edição 74	0	Edição 86	0
Edição 63	0	Edição 75	0	Edição 87	0
Edição 64	0	Edição 76	0	Edição 88	0
Edição 65	0	Edição 77	1	Edição 89	0
Edição 66	0	Edição 78	1	Edição 90	0
Edição 67	17	Edição 79	0	Edição 91	0
Edição 68		Edição 80	0	Edição 92	0
Edição 69	1	Edição 81	0	Edição 93	0
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>TOTAL</b>	<b>2</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>23</b>			

### COMPARAÇÃO ENTRE OS ANOS PESQUISADOS

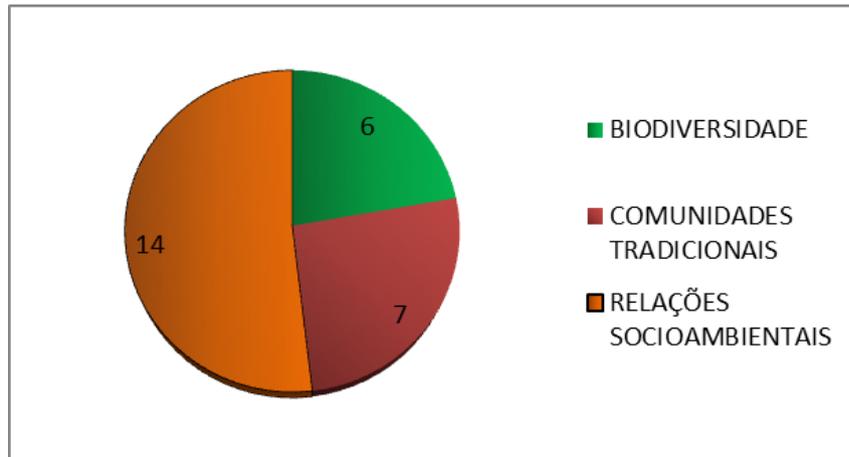
Pelo gráfico fica claro a disparidade entre a produção de matérias sobre a Amazônia entre os anos analisados:



Matérias por períodos analisados

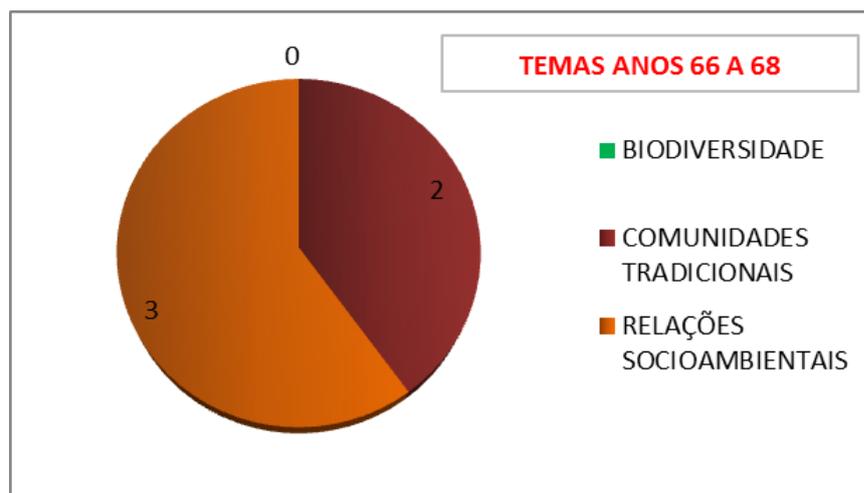
### ABORDAGEM POR TEMAS CANDENTES

Sobre as temáticas foi possível verificar que de todas as edições pesquisadas a temática “Relações Socioambientais” foi a mais abordada seguida por Comunidades Tradicionais e Biodiversidade.



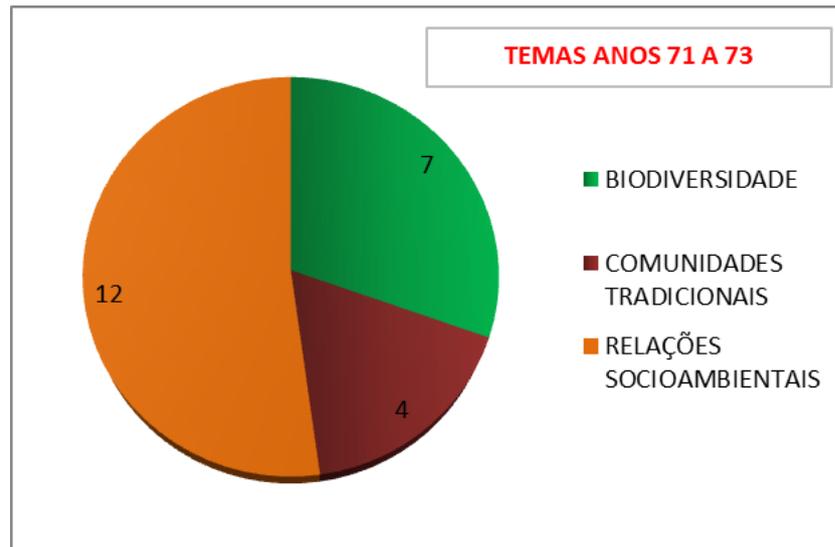
**Temáticas analisadas**

Nas edições analisadas de 66 a 68, o tema Relações Socioambientais é o mais abordado com três reportagens, Comunidades Tradicionais teve duas, o tema Biodiversidade não foi abordado conforme descrito pelo gráfico abaixo:



**Temas abordados de 66 a 68**

Nos anos 71 a 73 o tema preferido também foi Relações Socioambientais, seguido por Biodiversidade e Comunidades Tradicionais.



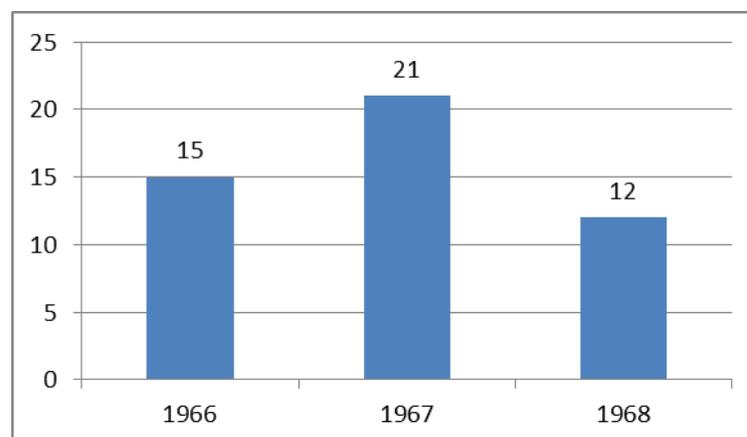
**Temas abordados de 71 a 73**

Também foi analisado o número de páginas que cada edição pesquisada dedicou ao tema Amazônia, e os resultados são refletidos pelo gráfico abaixo.

As cinco edições pesquisadas no período de 66 a 68 dedicaram 33 páginas. No ano de 1966 a edição de número 09, dedicou 15 páginas a matéria “Estas crianças estão fora”, que conta a história sobre a guerra da etnia dos Caiabi contra a invasão do seringueiros em suas terras.

Já a edição 14, de 1967, dedicou sete páginas a matéria “A boa alma dos Villas Boas”, que fala sobre a ação dos irmãos Villas Boas no Parque do Xingu. Na edição 15, a reportagem “Estamos em pleno rio”, onde o repórter fez a viagem Belém – Manaus de barco teve nove páginas.

No ano de 1968, a reportagem “Cruzeiro não conhece o Brasil” fala sobre a distante cidade de Cruzeiro do Sul no Acre e teve 12 páginas.



**Número de páginas por ano (1966 a 1968)**

As edições 71 a 73 tiveram um número maior, só a edição número 67 teve 212 páginas dedicada ao tema. A matéria “Parque do Xingu”, da edição 60 publicada em 1971 teve oito páginas. A reportagem fala sobre a cultura da pajelança nas tribos do parque.

Em 1971 tivemos uma edição no. 67, especial sobre a Amazônia, que foi o destaque do período pesquisado.

A reportagem “Amazônia opinião” teve 13 páginas e contou com entrevistados de várias áreas, tendo como tema a região. A matéria “Viagem ao planeta do verde, da água e do sol” é um ensaio fotográfico de 14 páginas. “A nossa vida nos trópicos” mostra como vive a população das principais cidades da região e tem 14 páginas. O texto “Você já se imaginou sem a Amazônia” teve uma página. Já o texto “Amazônia, ontem” foi publicado com 16 páginas e conta a história da região desde a ocupação pelos espanhóis.

“Amazônia, hoje” teve 21 páginas e revela como vivem as populações do interior da floresta, “A fronteira da aventura” que relata a vida de um americano que vive na fronteira com a Colômbia exportando animais vivos tem 13 páginas. Com o foco nas políticas de assentamento recém lançadas, “Amazônia amanhã” teve 23 páginas, a maior da edição. Ainda temos “A vida que vem do verde” que traz para o debate sobre o desmatamento intenso e função da floresta para o planeta, tem 12 páginas, “Morreram as cidades e o homem (na Amazônia encontra...)” fala sobre um arquiteto e suas ideias de construção sustentável e vem em três páginas e “Imagens de um massacre” fala sobre a caça de animais silvestres na região em oito páginas.

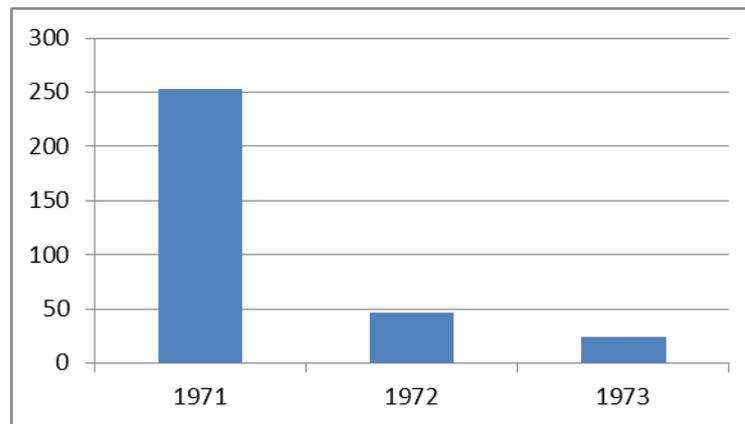
“A lei proíbe, mas quem cumpre” que mostra a falta de fiscalização sobre a caça na região, teve seis páginas. Em “Os estrangeiros (um fato) roubam a Amazônia (uma opinião) roubam mesmo? (uma questão)” levanta o questionamento sobre a intensa chegada de imigrantes ao lugar em 18 páginas. A reportagem intitulada “Dizem que ele tem um exército secreto no país. Mas o que ele têm é um país” aborda a história de um madeireiro norte americano que possuía mais de 1.000.000 de hectares de terra no Pará e teve 12 páginas. “A última chance dos últimos guerreiros” analisa a questão indígena da região e tem 11 páginas.

Por fim a matéria “Indicações” é um glossário com diversos verbetes sobre o ambiente e a economia da região e possui 43 páginas.

Em 1972, 45 páginas foram dedicadas ao assunto. Na edição 72, a reportagem “Comprei esse escravo” que trata do trabalho escravo na região, teve sete páginas.

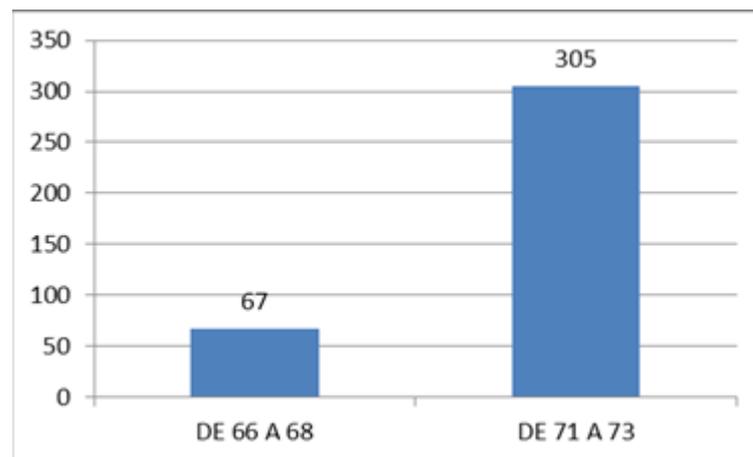
A edição 77 apresentou um capítulo com 23 páginas que intitulou de Ecologia, destas 21 páginas falavam de Amazônia. A reportagem “Nossos bosques tinham mais vida” trata de desmatamento, caça e pesca predatória em 10 páginas. A matéria “Estas nós já matamos”, fala sobre as espécies de animais e plantas já extintos e tem seis páginas.

Em 1973, somente duas revistas apresentaram matérias com o tema Amazônia, a edição 82, traz a matéria “Amazônia, inverno e verão” sobre as cheias e secas que atingem a região com 10 páginas. Já a edição 85 dedicou 11 páginas a reportagem “Um ano em busca dos gigantes”, sobre a etnia *kranhacãrores*.



**Número de páginas por ano (1971 a 1973)**

O gráfico abaixo demonstra que nos anos 70 foram dedicados mais espaço aos temas sobre a região Amazônica pela Realidade do que nos anos 60.



**Número de páginas por período analisado**

## Considerações Finais

Podemos afirmar que na década de 60, mesmo com a criação da Sudam, em 1966, a região Amazônica ainda não tinha importância como pauta jornalística na Revista Realidade.

A maioria dos textos jornalísticos que abordavam a região dedicavam-se a histórias sobre populações indígenas como a matéria da edição 09, “Estas crianças estão salvas”.

Também a questão da ocupação da região pelos imigrantes foi timidamente tratada, o que pode ser comprovado na edição 17, de agosto de 1967, que traz a matéria “A história de um pequeno herói”.

Matérias sobre preservação e conservação do bioma e de sua biodiversidade não tiveram espaço no período pesquisado.

Já na década de 70, as reportagens com a temática Amazônia cresceram vertiginosamente em comparação ao período passado. Inclusive com a publicação de uma edição especial sobre a região, intitulada “Amazônia: a amanhã está chegando”, a publicação teve 348 páginas, 17 matérias com média de 12 páginas por matéria.

No período pesquisado (de 1971 a 1973), pudemos observar que todas as temáticas definidas para a pesquisa foram englobadas. Até mesmo o tema Biodiversidade, com viés de preservação e conservação do bioma.

A criação do Plano de Integração Nacional (1970) e a realização da I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano<sup>3</sup> (1972) podem ter contribuído para que a temática tenha ganhado mais destaque nesse período.

A pesquisa pode concluir que houve um aumento da importância do tema para a publicação, que destinou 353 páginas para reportagens, que seguiam o padrão do *Newjournalism*, com textos descritivos e muitas fotografias, utilizado pela Realidade.

Outra característica que pode ser notada pela pesquisa é que as temáticas das primeiras matérias abordavam a questão da necessidade de ocupação e integração da região ao resto do Brasil. Já nas últimas edições analisadas, as reportagens também se mostravam preocupadas com a preservação da biodiversidade.

---

<sup>3</sup> Em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU), juntamente com os Estados e a comunidade científica, realizou a Primeira **Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente**, entre os dias 5 a 16 de junho, em Estocolmo (MACHADO, 2006; MORADILLO ET AL., 2004)

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 9., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1 – 15.

DINIZ, Amarildo; PAIXÃO, Norma. **Apostila de Conhecimentos específicos: IBAMA**. São Paulo: Editora Central de Concursos, 2003.

GIRARDI, Ilza Marinho Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Org.). **Ecoss do Planeta: Estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Ufrgs Editora, 2011.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap. 2. p. 123-142.

LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de. **Ecoss do Planeta: Estudos sobre informação ambiental e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2011. Cap. 2. p. 11-30.

MENEZES, Fernando Dominiciene. **Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, Transamazônica e a construção do "Brasil Grande"**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <[http://bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_arquivos/33/TDE-2007-08-28T123833Z-1663/Publico/Dissert\\_Fernando Menezes.pdf](http://bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/33/TDE-2007-08-28T123833Z-1663/Publico/Dissert_Fernando Menezes.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2015.

MORADILLO, E. F & OKI, M. C. M. **Educação ambiental na universidade: construindo possibilidades**. Quim. Nova, Vol. 27, No. 2, 332-336, 2004

SANDES, José Anderson Freire. Revista Realidade: como um romance? In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Intercom, 2014. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1170-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: Novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo: Globo, 2012.